14º FEPEG
FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA EXTENSÃO E GESTÃO
"O conhecimento (re)Visitado: Novos desafios para a Universidade"
Realização: Unimontes MINAS GERAIS GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.
Apoio: FADENOR
ISSN: 1806-549X

AUTOR(ES): GABRIELA BARBOSA SILVA

ORIENTADOR(A): DANIEL ANTUNES FREITAS

A IMPORTÂNCIA DA FLUÊNCIA EM LIBRAS NA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE: UMA REVISÃO DE SISTEMAS

Introdução

A relação médico-paciente é pautada pelo diálogo, sendo este a base do vínculo que deve ser estabelecido entre as partes (CHAVEIRO; BARBOSA, 2005). Assim, quando existem problemas comunicativosesses podem influir negativamente no atendimento e nos seus resultados, facilitando a ocorrência de constrangimentos, diagnósticos errôneos e tratamentos falhos.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é um sistema linguístico de natureza gestual-visual (realizado pelas mãos e recebido pelos olhos) de estrutura gramatical própria, que é utilizada, principalmente, como canal de comunicação pelas pessoas com perda auditiva total (CHAVERO; BARBOSA; PORTO, 2008) (LEVINO et al, 2013). Desse modo, a LIBRAS é um dos principais elementos da cultura surda, visto que transmite crenças e valores, sendo uma das características da identidade dos surdos (CHAVEIRO et al, 2014).

O ensino da língua de sinais faz-se escasso nos cursos das áreas de saúde, formando profissionais despreparados para a interação com a comunidade de surdos, pois ao não compartilharem a mesma linguagema interação e a relação médico-paciente eficiente e satisfatória para ambas as partes é dificultada ou impedida. Essa dificuldade vivenciada pelos surdos fomenta um problema de saúde pública relevante, pois constitui um obstáculo para essa comunidade buscar serviços de saúde e para aderir ao tratamento proposto (GOMES et al, 2017).

O objetivo dessa revisão é analisar e ressaltar a importância da comunicação direta em LIBRAS entre profissional de saúde e paciente surdo em meio à relação médico-cliente, buscando despertar a comunidade acadêmica e médica a respeito da importância da fluência em LIBRAS para inclusão das pessoas com deficiência auditiva.

Material e Métodos

O presente artigo é uma revisão sistemática que utiliza majoritariamente como fonte de pesquisa para obtenção de informações a base de dados do Scientific Eletronic Library Online (Scielo), sendo este uma biblioteca eletrônica com uma ampla coleção selecionada de periódicos científicos. A busca foi realizada em fevereiro de 2020, a partir dos descritores: "physician-patientrelations", "deafness", "communication", "medical". Ao utilizar os descritos "physician-patientrelations" e "deafness" foram obtidos dois resultados, que traziam o mesmo artigo, sendo esse tomado como fonte. Mediante a análise das referências deste artigo, outros cinco textos foram tomados como referência para elaboração dessa revisão. Ao empregar os descritores "communication", "medical" e "deafness"foram alcançados dez resultados e a partir da leitura dos títulos três foram selecionados para as referências. Por último, ao utilizar os descritores "communication" e "deafness", aplicando-se os filtros "Brasil", "medicine, general e internal", "public, environmental e occupationhealth" e "healthcaresciences e services", encontrou-se sete resultados, dos quais dois artigos foram selecionados a partir da leitura dos seus respectivos títulos. Portanto dez artigos foram tomados como referência para a presente revisão.

Resultados e Discussão

A comunicação é uma das bases estruturadoras da sociedade, visto que é fundamental a todas as relações. Para que a interlocução ocorra de forma adequada a mensagem transmitida deve ser interpretada pelo receptor com o mesmo sentido atribuído pelo emissor (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020).

Assim como as demais relações, o instrumento básico para o estabelecimento de uma boa associação médico-paciente é a comunicação interpessoal efetiva que permita a constituição de vínculo (CHAVEIRO; BARBOSA,

ISSN: 1806-549X

2005). Posto isso, o diálogo permite que o profissional de saúde entenda as necessidades do seu cliente, buscando assisti-lo de modo a reduzir o que lhe incomoda, para isso o paciente precisa confiar no profissional de saúde para relatar seus incômodos e problemas e para conceder credibilidade ao diagnóstico e tratamento que serão referidos (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020). A fim de que essa conversa se estabeleça de forma satisfatória o médico deve procurar minimizar todos os possíveis obstáculos que poderiam influir negativamente no estabelecimento do vínculo, já que quando a comunicação é ineficaz as probabilidades de lacunas, imprecisões ou incorreções na consulta tornam-se maiores (GIL DE FRANÇA et al, 2020).

Voltando-se a comunidade surda, as barreiras para o estabelecimento de um diálogo médico-paciente são ainda maiores, pois a pessoa com perda auditiva severa não domina a comunicação oral, assim como em sua maioria os ouvintes não compreendem a linguagem de sinais, cabendo ao profissional de saúde encontrar uma forma de estabelecer uma relação adequada com seu cliente (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020).

Em busca de solidificar um aparato legal que sustente os direitos, principalmente o de saúde à comunidade surda, leis foram estabelecidas, como o artigo 25 do capítulo VII presente no Decreto nº 5.626 da lei nº 10.436/02 que garante a atenção integral à saúde às pessoas surdas com a mesma qualidade do serviço prestado a uma pessoa que não necessita de atenção diferenciada, a partir do atendimento por profissionais capacitados em LIBRAS, sendo que no mínimo 5% dos funcionários das unidades do serviço público devem ser habilitados para a utilização e interpretação de LIBRAS (MAGRINI; SANTOS, 2014)(CHAVERO; BARBOSA; PORTO, 2008) (GOMES et al, 2017). No entanto os médicos não se encontram preparados para cuidar do paciente surdo, devido à barreira comunicativa e à falta de conhecimento a cerca dessa comunidade, que, na maioria das vezes, é negligenciada durante a formação (MAGRINI; SANTOS, 2014). Assim, a legislação não se fez suficiente para atingir a sociedade brasileira a respeito da inclusão do surdo (CHAVEIRO; BARBOSA, 2005).

Buscando superar o obstáculo da comunicação na relação médico-paciente, formas secundárias de interação são empregadas (CHAVEIRO; BARBOSA, 2005). A utilização de sinais não oficiais de Libras seria uma das alternativas, porém essas gesticulações podem não ter o mesmo sentido para o surdo e para o ouvinte, levando a uma comunicação falha (GOMES et al, 2017). A escrita geralmente é utilizada para o diálogo, no entanto essa comunicação também não ocorre de modo eficaz, pois os surdos em sua maioria não dominam o português, sendo essa uma segunda língua de difícil aprendizado (GOMES et al, 2017). Ademais, mesmo que os surdos consigam ler, na maioria das vezes eles não compreendem ou confundem o significado de palavras, podendo gerar constrangimentos (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020)(OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020) (COSTA; SILVA, 2020). A leitura labial pode ser usada como alternativa na comunicação com surdos oralizados, ou seja, que se comuniquem pela fala e leitura labial, contudo essa também apresenta barreiras visto que exige uma fala direcionada, uma boa articulação das palavras e muita concentração (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020) (COSTA; SILVA, 2020). Além disso, poucas palavras podem ser entendidas pela leitura labial, sendo cerca de 30%, podendo conduzir a erros (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020). A presença de familiares como acompanhantes também é vista como forma de garantia da comunicação, porém esses em sua maioria não são qualificados como interpretes, podendo impedir a comunicação franca do surdo com o médico, pormenorizar o princípio da confidencialidade e ocultar a autonomia do usuário (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020).

Visando reduzir os problemas de comunicação entre médico e paciente surdo, o interprete torna-se a melhor opção. No entanto, o interprete para se adequar a participação na relação médico-paciente deve além de deter o conhecimento de LIBRAS, saber os termos técnicos, respeitar o sigilo e as questões éticas de cada atendimento (GOMES et al, 2017). O intérprete torna o surdo passivo no encontro clínico, visto que não se estabelece um contato direto entre o médico e o paciente, ignorando o fato de o indivíduo ser a fonte potencial de informação clínica e alguém que pode contribuir no processo de cuidado da sua saúde, de modo a comprometer o processo saúde-doença e as ações de ressocialização dos surdos em meio à saúde (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2020). Pesquisas revelam que apesar dos surdos valorizarem a presença do intérprete, esses apontam como dificuldades a confiança e o constrangimento de se expor frente ao intérprete (CHAVEIRO et al, 2010) (GIL DE FRANÇA et al, 2020). Conclui-se que o intérprete pode facilitar o atendimento, porém não garante sua qualidade e não prepara o profissional para uma inclusão efetiva.

A partir de pesquisas, constata-se que as percepções de um diálogo eficaz se fazem diferentes, pois para o médico faz-se suficiente escrever, realizar sinais não oficiais, comunicar-se por leitura labial, utilizar acompanhantes ou interpretes, porém para o surdo eficiente é se comunicar diretamente por meio de LIBRAS (GOMES et al, 2017). Ademais, os surdos afirmam preferir ser atendidos por profissionais de saúde que saibam a língua de sinais, pois assim estabelecem uma comunicação direta e mantêm sua privacidade e independência (OLIVEIRA; CELINO; COSTA,

2020). Desse modo, torna-se necessário que os profissionais da saúde reconheçam-se como protagonistas na desconstituição da barreira comunicativa presente na relação médico-paciente surdo.

Conclusão

A dificuldade de comunicação dos surdos com os médicos faz-se um problema de saúde pública, ao inibir a procura do surdo aos hospitais e aos atendimentos médicos em caso de necessidade, e resulta na frustração e insegurança profissional.

A comunidade surda não deve se preparar para o convívio social, mas a sociedade que deve se adaptar para atender suas necessidades e para incluí-la. Visto que a língua de sinais foi reconhecida oficialmente como meio legal de comunicação da comunidade surda pela Lei Federal n. 10.436/2002 e que a habilidade de comunicação interpessoal do médico é imprescindível na assistência a qualquer paciente, cabe ao profissional de saúde se preparar para efetivar atendimento a essa população.

O aprendizado da LIBRAS além de uma questão de saúde pública, é uma responsabilidade ética e social, pois resulta na inserção social e na valorização do indivíduo.

Assim, para o estabelecimento de um vínculo efetivo entre médico e cliente, faz-se necessário a capacitação dos profissionais da saúde durante ou depois da formação, abrangendo além do aprendizado da LIBRAS, noções sobre a cultura surda, sobre a importância do protagonismo dessa comunidade na relação médico-paciente e sobre como se posicionar no atendimento à pessoa surda. Para isso, disciplinas de atenção à saúde das pessoas com deficiência devem ser incluídas na graduação, visto que conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina a formação médica deve capacitar o profissional para a comunicação verbal e não verbal, de forma a prepará-lo para dialogar de forma adequada com os pacientes. Portanto, os profissionais de saúde conseguiriam promover uma assistência humanizada, voltada a uma sociedade inclusiva e garantindo uma ação terapêutica de qualidade.

Referências

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. **Rev. esc. enferm**. USP. São Paulo, v. 39, n. 4, p. 417- 422, Dez.2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttexr&pid=S0080-62342005000400007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 Fev. 2020. https://doi.org/10.1590/S0080-623420050000400007.

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves; PORTO, Celmo Celeno. Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais de saúde. **Rev. esc. enferm**. USP. São Paulo, v. 42, n. 3, p. 578-583, Set. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttexr&pid=S0080-62342008000300023&lng=en&nrm=iso . Acesso em 20 Fev. 2020. https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000200023.

CHAVEIRO, Neuma et al. Atendimento a pessoa surda que utilize lingual de sinais na perspective do profissional de saúde. **Cogitare Enfermagem**. V. 15, n.4, p. 693-645, Out/dez 2010. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/20359/13520. Acesso em 20 Fev 2020. http://dx.doi.org/10.5380/ce.v15i4.20359.

CHAVEIRO, Neuma et.al. Qualidade de vida dos surdos que se comunicam pela língua de sinais: revisão integrativa. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 101-114, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?cript=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100101&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 Fvb. 2020. https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0510.

COSTA, Luiza Santos Moreira da; SILVA, Natália Chilinque Zambão da. Desenvolvendo atitudes, conhecimentos e habilidades dos estudantes de medicina na atenção em saúde de pessoas surdas. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 16, n. 43, p. 1107-1117, Dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000400019&lng=en&nm=iso. Acesso em 20 Fev.2020. https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000051.

GIL DE FRANÇA, Euripedes et al. Dificuldades de profissionais na atenção à saúde da pessoa com surdez severa. **Cien. Enferm**, v. 22, n. 3, p. 107-116, Set. 2016. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?cript=sci_arttext&pid=S0717-95532016000300107&lng=es&nrm=iso. Acesso em 20 Fev. 2020. http://dx.doi.org/10.4067/S0717-95532016000300107.

GOMES, Letícia Ferreira et al. Conhecimento de libras pelos médicos do Distrito Federal e atendimento ao paciente surdo. **Rev. bras. educ. med**., Rio de Janeiro, v. 41, n. 4. P. 551-556, Dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000400551&lng=en&nmr=iso. Acesso em 20 Fev. 2020. https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n3rb20160076.

LEVINO, Danielle de Azevedo et al. Libras na graduação médica: o despertar para uma nova língua. **Rev. bras. educ. med**., Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 291-297, Jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022013000200018&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 Fev. 2020.

MAGRINI, Amanda; SANTOS, Teresa Maria Momensohn. Comunicação entre funcionários de uma unidade de saúde e pacientes surdos: um problema? **Disturb Comun**. São Paulo, v. 26, n. 3, p. 550-558, Set. 2014. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14880, Acesso em 20 Fev 2020.

OLIVEIRA, Yanik Carla Araújo de; CELINO, Suely Deysny de Matos; COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti. Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. **Physis.** Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 307-320, Mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?scrpt=sci_arttext&pid=S0103-73312015000100307&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 Fev. 2020. https://doi.org.10.1590/S0103-73312015000100017.